

**UNIVERSIDADE:
DEPOIMENTO,
COMENTÁRIOS E
PROPOSIÇÕES**

Antônio B. de Ulhôa Cintra

1. PERÍODO DE REITORIA

- 1.1 — Introdução
- 1.2 — Cidade Universitária
- 1.3 — Novos Institutos
- 1.4 — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- 1.5 — Nova Universidade e Nova Faculdade
- 1.6 — Reforma de Estatutos e Obtenções de Autonomia Administrativa
- 1.7 — Fórum Universitário

2. EXPERIÊNCIA NO EXTERIOR

- 2.1 — Explicação
- 2.2 — Universidades Estrangeiras
 - 2.2.1 — Universidades Americanas
 - 2.2.1.1 — Clark Kerr
 - 2.2.1.2 — James Perkins
 - 2.2.2 — Universidades Europeias
 - 2.2.2.1 — Exemplos Ilustrativos

3. COMENTÁRIOS

- 3.1 — Movimento Universitário
- 3.2 — "Comportamento" Humano

4. PROPOSIÇÃO

- 4.1 — Princípios Básicos
- 4.2 — Legislação
- 4.3 — Profissões
- 4.4 — Comunidade Universitária
 - 4.4.1 — Nossos Estudantes de Hoje
- 4.5 — Pesquisa

5. FINAL

1. PERÍODO DE REITORIA

1.1. Introdução:

Por ocasião da escolha do novo Reitor, em 1960, dentre os nomes constantes da lista tríplice que lhe fora enviada pelo Conselho Universitário, constava o meu, e o então Gover-

nador Carvalho Pinto, velho amigo, contemporâneo do Ginásio do Estado, contava-me que ouvira dizer que eu poderia ser contra a construção da Cidade Universitária... Não importa a enganosa informação. Merece entretanto destaque a implicação de que poderia haver dúvidas, ainda em 1960, acerca do conceito que se fazia sobre a própria existência da Universidade de São Paulo, 25 anos depois de sua fundação.

Era, provavelmente mais profundo do que parece à primeira vista o sentimento generalizado de dúvida por parte de antigas e tradicionais Faculdades, sobre o estabelecimento de uma Universidade calcada em Faculdades preexistentes, algumas de longa data, como também sobre o que lhes aconteceria na vivência universitária com uma participação em vida coletiva — quiçá restritiva às suas liberdades.

Uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, nova, moderna e iniciada com a vinda de professores estrangeiros de alto valor, de um lado, e com a ocupação de áreas do conhecimento afins, limitantes, confluentes ou mesmo penetrantes em terreno considerado próprio de cada uma das velhas escolas, parecia ser um dos focos de receio e tensão. De outro lado a edificação de uma Cidade Universitária poderia ser a força unificadora e centralizadora em país vivamente temeroso de ditaduras...

Em oposição a fraseado do mundo político, onde o "debaixo para cima", ou "das bases para o centro" reflete uma faceta de "democracia" a construção da Universidade, de bases para o corpo global, poderia evocar "antidemocracia"...

A observação de Carvalho Pinto era justíssima, como o senti quando, assumindo a Reitoria, visitei Faculdades e conversei com tantos professores e docentes e estudantes.

Pessoalmente, vim a conhecer de perto o verdadeiro ba-luarte da fundação da Universidade, que foi Júlio de Mesquita Filho. Admirava acima de tudo a sua concepção de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como órgão complementar indispensável para se estruturar uma Universida-

de. Defendia-a desde o meu discurso de posse. Senti bem, àqueles tempos a necessidade de cuidar-se no novo mundo (de 25 anos atrás), de um forte suporte científico e tecnológico, mas também humanístico e filosófico para amparo da ciência e tecnologia aplicadas, das escolas tradicionais, e também para cuidar-se do entendimento e compreensão do comportamento das gentes em um mundo que se transformava em todas as direções.

O conhecimento desinteressado e não finalístico em si mesmo, imediatista, como aquele decorrente da necessidade de preparo profissional, serviria a todos, sem prejuízo do natural e em verdade também básico conhecimento emergente da observação e da experiência intelectual dada pela vida profissional propriamente dita.

Propus-me, por isso, a tentar criar condições para se compreender e aceitar-se, com o tempo e a experiência, os benefícios da vida universitária, e de "civilizar-se" o mundo universitário, no convívio, respeito e admiração recíproca, sem prejuízo das controvérsias humanas e até das divergências e lutas de indivíduos e das "categorias", dentro da "comunidade"

1.2. Cidade Universitária:

Aceitei com prazer a proposição de Carvalho Pinto de dar impulso vigoroso à construção da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira. Dentro do seu plano de ação havia recursos consideráveis e decidi-me, de imediato a transferir a sede da Reitoria para a Cidade Universitária. Ao invés de um velho prédio na rua Helvétia, evocativo de simples núcleo subsidiário do executivo estadual nos Campos Elíseos, fiz terminar e adaptar, embora de forma algo precária o novo edifício, sede da Reitoria, no coração da Universidade. Para lá confluíam as vias de acesso de funcionários do trabalho burocrático e também as dos representantes das Faculdades, sobretudo os componentes de seu órgão máximo, no Conselho Universitário. De certa forma, a idéia de criar-se o então chamado "espírito universitário" seria beneficiada pela ex-

pressão espiritual e física de "integração universitária", que entrou em moda.

Em avaliação retrospectiva, creio poder dar o meu testemunho, hoje, de que aquele período da Universidade, no Governo Carvalho Pinto, foi um dos mais belos a que me foi dado assistir. Não se trata de elogiar uma grande obra de alguém, mas o trabalho de muitos, em esforço conjugado e contínuo, entusiasmado mesmo, e sobretudo altamente produtivo. Foi um exemplo do que uma Universidade pode fazer, quando tem a verdadeira compreensão e o apoio incondicional de um governo sábio.

Lembro-me da tranqüilidade e segurança com que podia solicitar o que precisasse a Carvalho Pinto ou à Secretaria da Fazenda, e em particular ao meu velho amigo Gastão Eduardo de Bueno Vidigal que tanto se interessou pelo sucesso da Universidade. Júlio de Mesquita Filho, por sua vez, constituiu-se naquele apoio sólido e sadio de quem se via compreendido.

Todas as Escolas e Faculdades antigas, instaladas em condições precárias encheram-se de esperança. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que ainda engatinhava, necessitava urgentemente de espaço e luz. A possibilidade de expansão física, por seu turno, convidava à reflexão sobre a estrutura funcional.

Creio que acertei ao solicitar ao experiente professor Anhaia Melo, então Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e antigo Prefeito de São Paulo, seu concurso para a nossa planificação. Anhaia Melo mobilizou imediatamente, toda a sua Faculdade. Com o concurso do engenheiro prof. Paulo de Camargo e Almeida, que continuaria a prestar os serviços que já vinha prestando à Universidade, realizamos na própria Faculdade nossas primeiras reuniões semanais de trabalho. Foi instituído o "Fundo de Construção da Cidade Universitária" Não descansamos durante 3 anos.

Repito: Tudo quanto aconteceu em fase bastante produtiva na vida da Universidade não foi obra de um ou de um

grupo, apenas. O apoio veio também de escolas que não planejavam sua transferência, pelo menos de imediato. Tampouco diríamos que os que lá trabalharam eram melhores do que tantos que, anteriormente, em condições bastante difíceis haviam lutado bravamente. A mola mestra da mudança foi ESPERANÇA. Perspectiva, horizontes abertos, o saber-se compreendido!

Não importa a descrição minuciosa hoje do planejamento e da execução de obras, como construção de edifícios, abertura e pavimentação de vias. Toda a área parecia um imenso canteiro de obras e certamente concluiu-se e encaminhou-se muito, do que foi inaugurado posteriormente. Erros terão sido cometidos, mas consolidou-se um *campus*, hoje ampliado, em aperfeiçoamento e reconstrução contínua.

Mencionaremos, a propósito, apenas um tópico de importância maior pela sua implicação filosófica. Visitando-nos, o prof. Henning, então Reitor da Universidade de Erlangen — Nurenberg, fez uma observação crítica. Na experiência alemã, dizia ele, centralização habitacional dos estudantes nunca provou bem. Melhor seria a sua vivência em “repúblicas” dentro da comunidade geral, do que constituir-se uma comunidade transitória propiciando uma concentração inevitável de sentimentos eivados de dúvidas, receios, sobressaltos e incertezas próprios desta quadra da vida, em que a pessoa é estudante... Teria ele razão?

1.3. *Novos Institutos:*

Obviamente, obras não são tudo. Mas, na fase de obras e “Esperança” afluíam para a Universidade ou criavam-se nela instituições que a complementavam, como museus, inclusive o antigo Museu de Arte Moderna com o nome de Museu de “Arte Contemporânea” o acervo intelectual e cultural de Paulo Duarte, no Instituto de Pré-História, o Instituto de Estudos Brasileiros, a brasileira de Yan Almeida Prado, o próprio Museu do Estado (Ipiranga), a Editora Universitária etc.

1.4. *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo:*

Além disso, da sugestão e esforço de muitos, de dentro e fora da Universidade, inclusive o próprio Reitor (assinalo, e de forma particular, os nomes de Paulo Emilio Vanzolini, Diogo Gaspar e Carlos Corrêa Mascaro), e do propósito firme do Carvalho Pinto, foi por este último criada, de acordo com dispositivo da Constituição do Estado (artigo 123) e Lei 5.918, de 18/10/60, a "Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo" De institucionalizá-la foi encarregado, pelo Governador do Estado, o Reitor de então (Of. G. E. n.º 3.200 do Governador ao Reitor). Nada mais fácil para mim a tarefa, dado o grande número de universitários de altíssima competência para a missão, e prontos para esse trabalho. Fui, depois, durante 10 anos, Presidente do Conselho Superior dessa Fundação e de lá pude ter a certeza de que a investigação científica, em São Paulo e no Brasil, tinha o núcleo germinativo que vem desabrochando, apesar das estações de "seca" que tanto andaram prejudicando o País...

1.5. *Nova Universidade e Nova Faculdade em São Paulo:*

Como Reitor, já àquela época senti que seria mais fácil escolher entre as proposições que se apresentavam à realização do que criar novos projetos. Em duas ocasiões, entretanto, tenho orgulho em dizê-lo, tive iniciativas pessoais que hoje são indiscutivelmente vitoriosas. Àquele tempo, o Reitor era automaticamente Presidente do Conselho das Escolas Isoladas do Ensino Superior do Estado de São Paulo. Havia um crescente pedido para instalação de escolas de Medicina, dado que a autorização legislativa para tal já havia sido concedida anteriormente, para cerca de 250. Para Campinas, obviamente de importância maior, e para Botucatu, dada a existência de edificações não-utilizadas e destinadas inicialmente a hospital para doentes de tuberculose, concebi a transformação dos planos, respectivamente, em Universida-

de de Campinas e Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, abrangendo Medicina, Veterinária, Agronomia e Biologia. Os respectivos projetos foram elaborados por comissões por mim designadas, projetos esses aceitos por Carvalho Pinto e concretizados depois da tramitação legislativa. O ilustre e saudoso prof. Cantídio de Moura Campos foi o primeiro Reitor da Unicamp. O desenvolvimento posterior de ambas as instituições dá um atestado a mais do que fez, pela educação superior e pela ciência, em São Paulo, o Governador Carvalho Pinto. E a "Unicamp" por sua vez, sob a enérgica e competente direção de Zeferino Vaz e seus sucessores cresceu até tornar-se uma das mais importantes Universidades do País.

1.6. *Reforma de Estatutos e Autonomia Administrativa:*

Realizou-se ainda àquela época a reforma dos Estatutos da Universidade (Decreto estadual n.º 40.346, de 07.07.62) em consonância com os dispositivos da Lei federal n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixava as "Diretrizes e bases da educação nacional" Destacando-se alguns tópicos importantes como (Autonomia Administrativa já havia sido concedida pela Lei especial n.º 6.826, de 06.11.1962) instituição da carreira universitária e a "estrutura departamental" Era o prelúdio da nova reforma estatutária que viria em 1969 (Decreto estadual n.º 52.326), por sua vez em consonância com a Lei federal n.º 5.540, de 28 de novembro de 1968, que fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior.... etc.

1.7. *Fórum Universitário:*

Destaco ainda, como fato importante na vida universitária, o "fórum universitário" que realizamos por sugestão de Fernando Henrique Cardoso, que preparou também a temática para o mesmo. Nessa ocasião, em anfiteatro espaçoso e repleto de membros dos corpos docente e discente, foram

debatidos, na mais perfeita ordem, importantes problemas que interessavam sobretudo à coletividade. Em meu ponto de vista pessoal, a importância do evento seria a de atrair para a Universidade os membros dispersos da comunidade, além da oportunidade de diálogo livre entre docentes e discentes e das já proclamadas "reivindicações"

A menção dos tópicos referidos nos últimos parágrafos visa chamar a atenção sobre fatos que ocorreram ainda antes dos acontecimentos políticos de 1964, e que estariam na raiz da evolução de processo de desenvolvimento de nossa, como de outras Universidades do País e do estrangeiro.

Na ordem do dia das cogitações dos universitários, estavam em equação os problemas críticos da carreira universitária; de regime de trabalho; de investigação científica e das modalidades passíveis de seu suporte; da "prestação de serviços à comunidade" e das conjecturas sobre sua amplitude, natureza, modalidades e relacionamento com órgãos estranhos à Universidade etc. Incluíam-se também os problemas, já então delineados, de reivindicação de estudantes e de funcionários na participação das decisões da instituição. Mais, ainda e sempre, a chamada "integração universitária"

O que teria acontecido, relativamente a estes e a novos problemas, no decurso de tempo transcorrido de 1963 até hoje?

2. EXPERIÊNCIA NO EXTERIOR

2.1. Explicação:

Enquanto Reitor, recebi um convite extremamente interessante: tomar parte no "Council on Higher Education in the American Republics" instituição criada pelo "Institute of International Education" com sede em New York e patrocinada por diversas e importantes fundações americanas. Éramos 2 brasileiros, o meu prezadíssimo e saudoso amigo Anísio Teixeira e eu próprio, além dos Reitores de Buenos Ayres, Montevideu, Santiago, Lima, Caracas, México e Panamá, do lado latino. Participavam, do lado americano, as Universida-

des de Cornell, Columbia, Harvard, M.I.T., Califórnia, Princeton, Minneapolis, Cleveland e outras, eventualmente, além de convidados especiais e ocasionais, inclusive de Paris. A porta foi-me aberta para um convívio contínuo de pelo menos 8 a 10 dias, a cada ano, durante cerca de 6 anos, e mais vezes, quando o rodízio proporcionou-me a presidência da própria instituição; outrossim visitei Universidades americanas e também européias em diversas viagens. Por dias seguidos eu privava da companhia de homens da estatura de Keneth Holland (do Instituto Internacional de Educação), de Openheimer (o físico, e sucessor de Einstein em Princeton), Frank Murphy, Clark Kerr (assessor econômico de Kennedy), Meredith Wilson, Grayson Kirk, James Perkins, Milton Katz (antigo Diretor do "Plano Marshall" na Europa), Keith Glennan (Presidente do Case Institute of Technology e antigo Diretor da Nasa), entre outros sempre presentes. Nosso problema era o ensino superior, com todas as questões correlatas direta ou indiretamente a ele. Desde então procurei manter contactos mais ou menos estreitos com tais instituições e com os amigos da época.

2.2. *Universidades Estrangeiras:*

Tentarei fazer emergir, brevemente, alguns dados sobre problemas universitários dessa experiência:

Pergunta minha, (em 1962): Haveria um critério para se admitir um limite para o crescimento de uma Universidade?

A resposta americana pareceu-me, antes, a aceitação de grandes Universidades, desde que se as pudesse sustentar e organizar estruturas funcionais e administrativas capazes. Clark Kerr (Presidente da Universidade da Califórnia, que abrangia 7 "campi") publicou em livro uma série de conferências que fez em Harvard sobre a Universidade moderna. Presenteou-me com ele, em resposta à questão proposta. Comenta-lo-emos, em linhas adiante.

Na Alemanha encontrei por maior número de vezes resposta diferente: ultrapassando cerca de 7 a 8 mil alunos, a

instituição deixaria de ser uma Universidade. Melhor seria fundar-se outra. A Universidade deixaria então de ser uma comunidade e de manter-se o espírito original que alicerça a própria existência de tal instituição, desvirtuando-se por crescimento excessivo.

Lembremo-nos, nesse ponto, de que as origens das Universidades americanas e das européias foram bem diversas. As últimas nasceram e se mantiveram orientadas pela perspectiva de cultura clássica e só tardiamente aceitaram, aos poucos entretanto e com relutância, a participação de escolas técnicas em sua vida. A Escola de Engenharia, para citar um exemplo, só recentemente passou a ser também Escola Universitária na Alemanha assim como na Inglaterra. Cambridge também não chegou, a instituir sua Escola Médica. As primeiras (as americanas), ao contrário, nasceram, muitas, das transformações dos "land grant colleges" de Lincoln, criados com a finalidade de proporcionar ensino técnico para a abertura de trabalhos no campo, formando o agricultor e o engenheiro agrícola. Da tecnologia à ciência, primordialmente e só depois, cultura clássica, humanística e filosófica. Hoje, em essência, vigem as mesmas cogitações dos dois lados do Atlântico, mas as origens diversas, oriundas de perspectivas diversas, de culturas diversas, de focalizações diversas, que não cabe apreciar aqui, conquanto confluentes para uma mesma filosofia, nos dias atuais, ainda demarcam atitudes, a meu ver. Tampouco este ponto será objeto de cogitação, dentro do presente trabalho, por interessante que seja.

Cresceu a nossa e cresceram outras Universidades brasileiras. Passamos de longe os limites traçados pelas respostas alemãs de 20 anos atrás: Aliás, em quase todo o mundo a pressão de crescimento rompeu as comportas da filosofia e da tradição.

Será possível, necessário, útil ou imprescindível o chamado "espírito universitário" carrear-se à cultura clássica, ou impor-se uma outra versão sua, moderna, brotada no solo

da nova cultura, contemporânea, que também teria direito ao seu lugar ao sol?

“Como evoluiriam as Universidades?”

2.2.1. *Universidades Americanas:*

2.2.1.1. O livro de Clark Kerr, antes referido, tem por título “The Uses of the University” (Harvard University Press, 1963). A sua repercussão na Inglaterra, Alemanha e países escandinavos foi enorme, em contraste com a quase ausência de seu conhecimento entre nós. Desde o prefácio ele se define, quando declara que as Universidades americanas estão “at a hinge of history”: embora ligadas ao passado, estão se desviando em outra direção. A Universidade sentira que o seu produto ‘invisível’ é o saber e reconheceu que o novo conhecimento é o mais importante fator de desenvolvimento econômico e social. A Universidade está, pois, em face de uma nova função a desempenhar. Por conseguinte ela está sendo convocada para produzir conhecimento, como nunca se imaginou, para finalidades cívicas, regionais e nacionais, e também para finalidades não-definidas, desde que se aceite que aqueles conhecimentos, mais cedo ou mais tarde, servem à humanidade. A Universidade, envolvida na vida, passou a ter massas de estudantes à sua procura e aceitou os desafios para reformular-se, numa nova estruturação visando um funcionamento mais adequado. Reconhece-se hoje, o seu papel no crescimento econômico, dentro da competição internacional e do desenvolvimento político, social e cultural.

Em cada uma das conferências, Kerr descreve uma idéia central sobre a Universidade Americana Moderna.

Na primeira, trata de que a antiga e tradicional idéia de Universidade era a de uma comunidade de professores e estudantes, e de que ela tinha uma “alma” (ou espírito) como princípio central animador. Hoje ela é, antes, “séries de comunidades e atividades” mantidas juntas por um nome comum, um “governo” comum e finalidades relacionadas.

MULTIVERSIDADE:

O antigo tipo ideal de Universidade é, hoje, ilusão de alguns. A Universidade Americana Moderna é outra instituição. Ela não é Oxford, nem Berlim. A sua designação apropriada seria a de Multiversidade.

Na segunda conferência espelham-se a história e as razões do modo de se formarem e desenvolverem as Universidades americanas, desde o famoso e célebre Morrill Act, sancionado por Abraham Lincoln em 1862 instituindo os "land grant colleges", e a seqüência de transformação das escolas no decurso do tempo, em Universidades. Destaca-se enorme influência germânica na sua instituição final. Concebe o autor como puderam imergir-se o intelectualismo germânico e o populismo americano, ou o intelecto puro e o cru pragmatismo, em improvável mas em verdade bem-sucedida aliança. Depois da 2.^a Grande Guerra o governo federal amparou de tal forma as Universidades, no seu desenvolvimento científico e tecnológico que Kerr as denomina de "federal grant universities" Informação científica, através da pesquisa e a aplicação tecnológica resultante, passaram a ser, além de assunto de interesse puro do pesquisador, objeto de encomenda financiada de trabalho para o governo e também para empresas particulares. Acontece que a capacidade da resposta universitária criou a distinção de competência e excelência para uns mais de que outros centros universitários, e para alguns ramos mais do que outros, dentro de uma mesma universidade. Coloca-se, então, a questão de como garantir uma "aristocracia de produção" nascendo de uma "democracia de oportunidades" na formulação de Clark Kerr.

De qualquer forma, a transformação da "casa do intelecto", da uni à multiversidade ou à moderna "cidade do intelecto" inclui problemas de mais variada natureza, abrangendo todos os aspectos da função universitária e todos os problemas humanos das diversas "classes" (ou "categorias"?) de seus habitantes.

Mas nada do que ocorreu implica em vitória de interesses materiais grosseiros sobre a vida espiritual ou de um "cru pragmatismo" sobre o "intelectualismo germânico" de outros tempos. O progresso decorrente da racionalidade da ciência, teórica e experimental, e da tecnologia aplicada à melhoria maciça das condições de vida, teve o seu paralelo, o desenvolvimento nos campos econômico e administrativo, e também na eclosão de interesse pela análise da história e sua interpretação, bem como a de toda a vida, social, política e filosófica.

Na interpretação de Clark Kerr, a Universidade é instituição antes conservadora, em ambiente dinâmico. Pode haver todavia a ilusão de que ela seja radical. A realidade é que a Universidade é governada pela história, seus rumos são governados pela história, ela engloba e reflete o momento histórico.

Termina Kerr: "Amanhã a ciência dará mais um passo à frente. Não haverá apelação para as que se desinteressarem de educação. Este é o uso principal da Universidade"

2.2.1.2.

O outro livro antes referido é de autoria de James Perkins, então Presidente da Cornell University e antigo dirigente da Carnegie Corporation. Seu sugestivo título é "The University in Transition" (Princeton University Press, 1966). Dele constam conferências pronunciadas na Universidade de Princeton. Na primeira delas cuida o autor da "dinâmica do crescimento da Universidade" Nela estuda a evolução do conceito dos deveres da Universidade, analisando o "saber" como algo vivo, que se enriquece, renova-se e se corrige pela investigação, transmite-se pelo ensino e seu uso cifra-se em prestação de serviço público. Em sua opinião, a Universidade americana desenvolveu-se em sintonia com a mescla de duas heranças: a inglesa, enfatizada no ensino para graduação, e a alemã com a ênfase na post-graduada e na pesquisa, depreendendo-se certo sentido de delimitação doutrinária em cada uma delas. Mas a descrição do crescimento traz ao

autor a preocupação, que é o ponto central de suas conjecturas, de que o crescimento excessivo possa prejudicar a própria Universidade em suas tarefas essenciais. Assim, a segunda conferência tem o objetivo de estudar o problema de "coerência" interna da Universidade, para que as tarefas essenciais, e de modo particular o ensino e o trato com estudantes, não se possam prejudicar. Em uma terceira conferência o assunto intitula-se "De autonomia para sistemas" na Universidade em transição. O tema é, em certo sentido, um passo adiante na descrição de Clark Kerr da Universidade americana. Trata-se aí das conseqüências da imensa variedade e extensão dos novos conhecimentos que vêm trazendo, forçosamente, maior grau de especialização dentro de cada uma das grandes Universidades. Para atender a esse fator impõe-se a criação de superestruturas de coordenação de atividades especiais para um grupo de instituições. Desenhasse, pois, uma pirâmide nova, orientada por fundações, consórcios e eventualmente interesses governamentais. Um exemplo disso é dado pelo consórcio de 34 Universidades para construir e manejar um sincroton de 200 bilhões de volts. E ainda há que se ver que problema de preservação de autonomia coloca-se à frente dos novos problemas da moderna Universidade americana, demandando solução.

Creio que até os dias que correm, esses dois trabalhos de alto nível refletem bem a essência da "questão universitária" nos Estados Unidos.

Deste lado do Atlântico, no hemisfério norte, os peregrinos encontraram terra nova, semelhante à sua. O seu tamanho, a expansão, a conquista e a construção de um Estado novo requeriam uma educação, antes de tudo, profissional e técnica, digamos. A vida espiritual derivava da religiosidade e dos princípios éticos da época, e da marca indelével da grandeza de um Thomaz Jefferson e de um Abraham Lincoln. O "intelectualismo" viria mais tarde, e talvez não tivesse a mística de grandeza da velha Europa. Em outras palavras, tal-

vez não tivesse as vantagens, mas tampouco seu eventuais preconceitos.

2. 2. 2. *Universidades Européias:*

Do lado de lá do Atlântico, ressentia-se até há pouco na velha Europa, quando se discutia Universidades, uma espécie de sensação de que o progresso de ciência aplicada e da tecnologia constituíam assunto de interesse material algo agressivo à pureza da espiritualidade e do trabalho puramente intelectual. Alemanha, Inglaterra e França tiveram o seu crescimento científico e tecnológico propiciado graças mais a instituições de pesquisa independentes, que atuavam além de Universidades e de escolas profissionais. Em verdade, os institutos Max Plank, na Alemanha, e as "grandes escolas" na França mantêm a sua grandeza até hoje. Em toda a Europa creio que a instituição universitária sentiu maiores dificuldades para se acomodar à conjugação das "duas culturas", embora a ciência e a tecnologia moderna tenham se imposto avassaladoramente e o intelectualismo, que alimenta a verdadeira ciência não possa mais ser ignorado e passe a ocupar lugar de honra.

2.2.2.1

Alguns dados ilustrativos sobre a questão universitária:

Inglaterra:

Em congresso sobre ensino superior, em Costa Rica, vim a conhecer Lord Robbins, que depois me enviou a seu "Report on Higher Education", na Inglaterra (Her Majesty's Stationery Office, 1963). Em conversações seguidas soube de seu trabalho, encomendado pelo governo inglês, e das reclamações nele contidas para o aumento substancial de ensino da ciência e tecnologia. Lord Robbins, membro do governo trabalhista fez as recomendações para ação das autoridades públicas, propondo a criação de instituições novas, face à eclosão do imenso progresso geral da ciência e da tecnologia.

Em 1967 um médico, Dr. John W. Paulley, reclamando que a dependência financeira do governo estava acarretando dependência política às Universidades inglesas, propõe a criação de pelo menos uma Universidade, no padrão de grandes Universidades privadas, como as dos Estados Unidos. O apoio imediato de professores de Birmingham e de Oxford culminou com um sucesso sem precedentes para a nova e independente Universidade de Buckingham, inaugurada em 3 de maio de 1974. A autonomia total e a independência de organização e de funcionamento, e também de nova experiência universitária, foi garantida graças ao enorme prestígio de seus fundadores. Anseio de autonomia, nos moldes das velhas tradições!

Com o governo ou sem o governo. Assim pôde ser na Inglaterra!

Alemanha

A relativa independência dos governos estaduais em relação ao governo central, em problemas de educação, o elevado número e a variedade de instituições de ensino, de pesquisa e de escolas técnicas, estas tão do agrado e da habilitação germânicas, e mais a tradição implantada desde Humboldt em 1810, em Berlim, de aliar ensino e investigação, não permitiram por muito tempo crise de transição ou problemas de maior gravidade naquele país. O amor à "filosofia transcendental" e o número de pensadores que criaram escolas seguiam paralelos e não se colocavam como concorrentes de outras "preocupações universitárias"

Minha impressão pessoal, obtida através de contatos diretos, era de que a Alemanha soube discutir e atualizar, de forma quase permanente, este como outros de seus problemas nas várias fases históricas de sua vida.

Apesar de tudo, problemas estudantis surgiram com grande intensidade, tanto no sentido de pressão para facilidade de ingresso em cursos superiores como em participação em órgãos de direção.

Uma certa impressão geral de que o nível de educação superior entrou em declínio trouxe idéias de criação de instituições de alto nível, suprauniversitárias. É a mesma fórmula de grandes escolas, como no exemplo francês (Dahrendorf: "Universidades, elites, progresso técnico" Humboldt 49-1984-pg. 30).

França

Com grande número de Universidades e a natural diferença de qualificações, e ao mesmo tempo instituições de pesquisa servidas por boa organização e funcionamento de um centro governamental de apoio e financiamento além do alto nível das "grandes escolas" a França pareceria bem-servida e, em verdade, apresenta centros de excelência de indiscutível valor e prestígio internacional, tanto para pesquisa como para a formação de certos tipos de profissionais altamente capacitados. Povo e língua bem-compreendidos no mundo latino, literatura rica e modalidade de inteligência brilhante e transparente, flui para o nosso mundo latino a impressão do alto nível de que se entende em linguagem comum como cultura geral.

Contrastando com o que poderia ser, sente-se, no âmbito universitário, impressão de crise, grave e permanente. Mudança de governo, mudança de ministros, novos planos e nova onda crítica, em geral viva e contundente!

Talvez razões sociais, ou de natureza econômica ou outras, levam a juventude a aspirar o diploma universitário, de forma mais acentuada do que em qualquer das outras grandes nações. Em discussões contínuas, mesmo na imprensa leiga, ressalta-se, sempre o fato de que há enorme discrepância entre o número de diplomados e o mercado de trabalho no campo das letras, de psicologia, e das ciências humanas e sociais em geral. A própria carreira universitária torna-se o alvo preferido para trabalhar, e a pressão para aumentar ainda mais esse desajuste é verdadeiramente crítica.

Digna de menção especial é uma preposição recente de que a Universidade pudesse conferir diploma em cursos não-sistemizados, escolhidos pelos próprios candidatos, utilizáveis como prova de qualificação para a sua carreira, qualquer e onde quer que ela fosse.

“Ensino de massa”, “Elitismo” “Politização”, “Democratização”, “Seleção” são tópicos em debates, em todos os instantes.

Maurice Maschino escreve “Savez-vous qu’ils détruisent l’université?” (ed. Hachette 1985) e fala de “coma intelectual dos estudantes”!!!

Henri Tézenas du Montcel escreve, por sua vez “L’Université: preut mieux faire” (ed. Seuil 1985).

René Remond entretanto, escreve “Les nouvelles missions de l’université” (l’Express 5 Avril 1985. p.35) em nota mais otimista.

E nosso bem-conhecido Laurent Schwartz escreve “Para salvar a Universidade” Edusp, 1984 (Tradução de Alviro Moser e apresentação de Roque Spencer Maciel de Barros).

Mais uma vez diríamos que “crise” universitária não é apenas problema universitário, e nem mesmo problema apenas regional.

3. COMENTÁRIOS:

3.1. Movimento Universitário

Registra-se pois, no decurso da década de 1960 um movimento universitário geral, em quase todo o mundo, evoluindo de acordo com peculiaridades regionais próprias e que reclamaram análise e discussão do problema. “Reforma de ensino superior” “reforma universitária” “elites” e “democratização” “seleção na admissão” “cultura” “tecnologia” eram expressões correntes em toda a parte, traduzindo a tentativa de evidenciar e corrigir pontos considerados críticos em cada situação particular. A crise estendeu-se até nossos dias, embora a meu ver, de certa forma algo mitigada nos últimos anos.

Entretanto, alguns pontos nevrálgicos da questão parecem claros: o rápido e maciço progresso da tecnologia, antes sustentado pela ciência e depois amparado pela ciência e sustentado pela própria tecnologia, forçou nos Estados Unidos, o incremento enorme desse ramo de atividade universitária, embora já existente desde os seus primórdios. Em outros países criou-se a necessidade de se incrementar e instituir a pesquisa e a ênfase no ensino de ciências, e tecnologia, de certa forma uma espécie de desvio de preceitos, doutrinas e filosofia da Universidade antiga.

O prestígio da ciência e da tecnologia e as novas condições materiais da vida estimularam enorme massa de estudantes a afluir às Universidades. E o prestígio do diploma universitário estimulou outra massa de estudantes a procurar os outros cursos superiores.

Foi um fenômeno curioso a "crise" ou "levante" estudantil de fins da década de 60. O movimento francês foi dos mais destacados pelos acontecimentos de rua, com cenas de violência. Mas, mais notáveis e dignas de estudo foram as expressões de seu líder, Cohn Bendit. Inquerido sobre seu programa, repetia apenas que isso não interessava, porque tudo estava tão ruim que precisava ser destruído, e o que quer que viesse depois só poderia ser melhor!... Dentro da "crise", alguns fenômenos peculiares: em São Paulo, um pequeno grupo invadiu o gabinete do então Reitor Mário Guimarães Ferri. Em New York a mesma coisa sucede ao Presidente da Universidade da Colômbia, Grayson Kirk. Em Ithaca (Estado de New York), quase idêntica cena com o Presidente da Cornell, James Perkins. Ouvi, pessoalmente, o relato de cada um deles sobre os momentos desagradáveis por que passaram, na tentativa óbvia de humilhá-los... Na Califórnia, em Berkeley, a "crise" foi mais duradoura e violenta. Este terá sido, a meu ver, um dos fenômenos típicos dos movimentos de massa: "ativistas" poucos, "sabidos" e ousados.

Acontecimentos outros e numerosos podem ser revistos nas 522 páginas do livro "Students in Revolt" (editado por

Seymour Lipset e Philip G. Altabach e publicado pelo "The Daedalus Library" - volume 14, 1969 - Journal of the American Academy of Arts and Sciences).

A violenta convulsão social da época (?) abateu-se com a mesma rapidez da trajetória de um estudante na vida universitária.

Emergiu, entretanto, para viver uma reivindicação que precisa ser melhor analisada, compreendida e materializada. Trata-se de um anseio de vida mais ativa na Universidade, refletindo uma clara insegurança em um mundo inseguro. Cristalizou-se a reivindicação em "representação estudantil" em todos os órgãos de comando.

As considerações acima visam tentar clarear aspectos do problema universitário brasileiro e paulista, pois existe sempre forte tendência de se supervalorizar causas aparentes locais e procurar-se um réu responsável por situações desastrosas. É claro que pode haver um réu ou muitos réus agravantes de situações. Mas existe algo, além deles, quando se vê que o próprio linguajar típico no trato de problemas universitários é igual em toda a parte do mundo. Não posso aceitar também, que por ser o problema amplo e geral, exista um outro réu, onisciente, onipresente e onieficiente, capaz de criar todas as dificuldades ideológicas, sociais e econômicas para o mundo todo, posto que seria um prodígio de perfeição.

Nem só ou apenas comunismo, nem só ou apenas capitalismo, nem só ou apenas ditaduras e nem só ou apenas "classes dominantes" e "classes dominadas"...

3.2. "Comportamento" Humano

Em discurso de despedida da Reitoria da Universidade, disse eu que falaria, antes de tudo, como médico. Já em 1963 sentia-se que "problemas de ordem espiritual, tanto ou mais do que os do plano material, têm afligido os homens de nossa geração"; que "o brutal impacto do desenvolvimento tecnológico criou, sem dúvida, um mundo diferente" que "a

complexidade dos problemas humanos cresceu, em razão geométrica, até planos quase sem limites"; que "os meios de comunicação individuais e coletivos quebraram o isolamento e o recolhimento interno. Todos se tornaram partícipes de todos os acontecimentos coletivos"; que "incapaz de absorver e amortecer na profundidade de sua inteligência o movimento que o envolve, deixa-se levar (o homem de hoje) pelas violentas vibrações que afetam sua sensibilidade emotiva" etc.

De 1963 para 1986 as condições gerais antes se agravaram, em umas tantas direções, como a qualidade da educação, sobretudo em sua adaptação a um mundo diferente, e a "quantidade" de sua distribuição. O mundo "forma" mais que escolas e professores.

Mais uma vez neste "pequeno mundo de muita gente", os problemas não têm barreiras em fronteiras territoriais.

Em trabalho para o "Conseil de la Coopération Culturelle" ("Conseil de L'Europe" Strasburg'85) Yngne Georg Lithman observa inúmeros fatos sobre o comportamento humano e suas mudanças, e intitula seu trabalho, "Pour le meilleur et pour le pire" ... Estuda tendências e processos sociais em relação a fenômenos político-culturais e educativos (macro-nível) e o comportamento em família, em escolas, em divertimentos etc. (micronível). O "estado-providência"; a "profissionalização" e a constante procura de "pessoal mais qualificado"; a "mulher e a evolução da família"; o divórcio freqüente: (na Suécia, a metade dos casamentos de hoje terminarão, provavelmente em divórcio); a coabitação e a procriação sem casamento (práticas correntes, especialmente nas regiões setentrionais da Europa) são tópicos sugestivos. Discute ainda "nível de vida"; "chances na vida" (de Dahrendorf); "identidade" individual etc.

As migrações de população dentro da Europa criaram uma "Europa multicultural" a exigir complexas e difíceis adaptações de políticas cultural e pedagógica.

Conversa familiar! Nada de estranho para a gente do Brasil de agora.

Adiantaríamos ainda que a própria onda de criminalidade é fenômeno tão brasileiro quanto europeu ou norte-americano, alterado apenas pela ação policial mais ou menos repressiva, lá ou cá. Fome? Apenas ocasionalmente, talvez.

É norte-americano, escrito por professores da Harvard, livro de 532 páginas intitulado "Crime and Human Nature" (Simon and Schuster, 1985). Seus autores, James Wilson, cientista político e professor de "Governo" e Richard Herrnstein, professor de "Psicologia" analisam o problema com a experiência americana e a análise de mais de mil referências bibliográficas: Esta obra magistral atesta a existência do problema universal e não apenas regional ou de "países em desenvolvimento" Creio que talvez fosse mais expressivo o título, chamando-o, antes, de "Human Nature and Crime"...

Trabalho e lazer são outros termos de discurso reivindicatório e de discurso político.

Que justas campanhas pela melhoria de condições de vida dos trabalhadores em geral não transformem o conceito do próprio trabalho em algo como castigo, martírio e sofrimento! Em verdade o trabalho físico ou intelectual é não só o principal elemento da necessária disciplina humana para a vida em sociedade civilizada, como também para o bem-estar do próprio indivíduo.

Os educadores e os médicos sabem quão desiguais podem ser os seres humanos em suas aptidões congênitas, físicas e psíquicas para as modalidades de trabalho de nossa civilização. Não se pode esconder nem fugir desta verdade, se não se quiser cometer gravíssimas injustiças contra os menos favorecidos, ou os responsáveis por eles, no processo educativo e com a sociedade em geral. O propósito de respeitar igualmente a todos não pode sustentar a pretensão de igualá-los em responsabilidades. E a atribuição de responsabilidades desiguais não pode ser motivo de não se lhes atribuir respeito igual.

As transformações sociais se processam com, ou apesar

de idéias e ideologias, planos bem ou malsucedidos, bom ou mau uso da ciência e da tecnologia.

Não basta tentar compreender estas transformações de um enfoque meramente social, tentando-se ter a sociologia como medicina preventiva. Para chegar-se a tal escopo, penso ser necessário o estabelecimento de uma política precípua, que atuasse como atua a medicina clínica... atenta a todos os eventos e complicações, sem preconceitos quer científicos, quer ideológicos. Antes de tudo "non nocere"! Afinal, a sociedade é composta de seres humanos. Atributos biológicos e psicológicos não se compadecem com doutrinas ou concepções "artisticamente" concebidas. Os imperativos fundamentais da vida prevalecerão sobre todas as veleidades de reformas "fundamentais" e comportamento "condicionado" — Leis biológicas impõem a sua força e a sua racionalidade!

A alguém caberão as maiores responsabilidades. Acima dos políticos da vida prática devem se encontrar os verdadeiros médicos da sociedade.

Talvez sejam eles as Universidades.

4. PROPOSIÇÕES:

4.1 *Princípios Básicos*

O cerne da vida universitária reside na atividade de docentes e discentes em pesquisa e ensino e possível conseqüente "prestação de serviços" em cada uma das unidades de cada um dos institutos que a compõem. A qualidade da Universidade depende da qualidade desse trabalho, e por ele justifica-se a sua existência.

As comunicações e a cooperação entre alguns e entre todos justificam o seu nome, desde os seus primórdios.

A frase de Openheimer (conversa pessoal), "A ciência é o mais rico patrimônio da cultura contemporânea" explica o seu propósito e o de tantos outros seguidores, de achar meios de tornar o conhecimento da ciência moderna e de seus ramos, com toda a sua incomparável beleza e precisão,

acessível à inteligência de homens de outros ramos da cultura. O reverso se processa quase automática, mas tardiamente: Os homens de ciência com o tempo tendem, de forma espontânea a se interessarem por estudos humanísticos e especialmente filosóficos.

A cultura contemporânea é a soma das "duas culturas" e a verdadeira Universidade deve procurar construí-la.

As responsabilidades universitárias não têm limite e só os próprios universitários são capazes de compreendê-las e de assumi-las. A Universidade de Princeton criou o seu famoso Centro de Altos Estudos, para receber e abrigar homens de talento excepcional. Outras pensam em criar tal instituição para fugir à queda de qualidade, em função da pressão da imensa atividade didática. Prefiro que, por ora, tentemos fazer de nossa Universidade o nosso Centro de Altos Estudos.

Quase se pode dizer que tudo mais é praticamente irrelevante, ou é pelo menos secundário, na Universidade.

A apaixonada discussão sobre estruturalismo, "poder" representação, não deve levar a nada que altere a essência da função universitária. A paixão parece, antes, fruto de desassossego e insegurança do que de programa de promoção de melhoria da própria instituição. Vejo isto tanto no Brasil como fora dele.

4.2 Legislação:

Legislar é tarefa difícil. De nova Constituição a novas Diretrizes e Bases de Educação e a novos ou readaptados estatutos, esperamos que não suceda o grande mal de se pensar mais em "evitar mau comportamento" do que em "não se dificultar progresso". Autonomia universitária não existe para ser apenas conquistas no papel. A dinâmica da ciência e da pesquisa e do próprio ensino exigem, obrigatoriamente, improvisações de organização mais ou menos temporária, ou mais ou menos duradoura, para a realização de trabalhos os mais variados, de grande interesse científico, ou didático e

ou de prestação de serviço público. Podem ser mesmo necessárias articulações entre departamentos distintos de diferentes institutos universitários.

Autonomia ampla também devem ter os diversos Institutos e Faculdades em sua organização específica. Não são normas gerais de carreira universitária e muito menos quase inconcebíveis normas gerais de concursos de graus universitários para disciplinas totalmente diferentes que criam uma Universidade. Ela só existirá em função da cooperação e comunicação entre seus órgãos e não em uniformidade de regras e normas.

O empenho em se obter liberdade, em se afugentar burocracia, em se simplificar dispositivos legais, serve melhor às verdadeiras finalidades universitárias do que a falácia de previsões de acontecimentos "regulamentados" que têm feito fracassar tantos planejamentos pretensiosos...

4.3 Profissões:

Profissionalização, no Brasil e alhures, é problema complexo e desafia a argúcia da burocracia ansiosa por compartimentá-la. Por outro lado, clama-se, de todos os lados, por leis que regulamentem profissões. O espírito é, acima de tudo, o desejo de garantir para diplomados uma posição segura no mercado de trabalho. Acontece, entretanto, que para uns tantos diplomas, não existe mercado de trabalho e para outras profissões comete-se injustiça grave contra pessoal categorizado que poderia exercer funções determinadas, tão bem ou melhor do que os simplesmente diplomados. Acontece que as próprias tarefas dos profissionais variam com a rapidez do progresso tecnológico. Diplomas a algo que estudou um candidato podem eventualmente recomendá-lo mais do que o de um profissional acabado em data determinada...

A Universidade recebe o impacto desse problema social e sua decisão de formar profissionais tem imensa e imediata

repercussão pública. Compete a ela manter na ordem do dia, problema de tal magnitude.

A sugestão: creio que um estudo sobre a atividade “atualmente” exercida por amostras representativas de diplomados de toda a Universidade em determinada época ou em períodos variados, poderia ser de grande valor. Revelar-se-iam, provavelmente, sucessos na vida em campos variados, talvez correlacionados mais com outros fatores do que com o saber específico, além de outras óbvias avaliações.

4.4. *Comunidade Universitária:*

A força evocativa da expressão “comunidade” leva a seu uso com grande freqüência e com grande esperança de persuasão. Para reivindicações externas, as Universidades em geral, usam-na. Mas para problemas internos, ela quase desaparece... Professores, estudantes e funcionários seriam outras tantas comunidades ou “categorias”...

Disse Milan Kundera, o famoso Nobel de literatura que “os jovens não têm passado e só isso explica a existência de sua inocência” Por vezes, em ondas volumosas agita-se o ambiente universitário e surgem problemas como os da década de 60. A experiência mostra que mais do que as razões momentaneamente invocadas, caracterizam-se, com o tempo, problemas de reajuste, sérios e merecedores de toda a atenção.

Uma observação que creio interessante de relatar é a de que jovens que têm o primeiro filho transformam-se, rapidamente em adultos, como se os seus horizontes se transferissem para o futuro, e as preocupações pessoais abrangessem o prolongamento do seu próprio ser!

4.4.1 *Nossos Estudantes de Hoje!*

Creio pelo que posso hoje perceber de vivência pessoal na Faculdade de Medicina, que a juventude nesta Faculdade, e tomara que o seja em toda a Universidade, vai muito bem.

O convívio com os professores é de primeira ordem, e no campo da clínica, a capacidade e a dedicação dos professores é das melhores que já vi em minha vida, tanto nesta como em tantas outras escolas do mundo.

Ao costume arraigado de crítica de nosso ensino médico, respondo, agora, que o que precisaria ser analisada é a razão pela qual residente de 2.º e 3.º ano pode ser um excelente médico, a quem eu não hesitaria em confiar pessoa de minha própria família!

4.5. *Pesquisa:*

Em conferência em Ribeirão Preto dizia Carlos Chagas Filho que a Universidade antiga se caracterizava pelo esforço de vir a conhecer a verdade. Este continua, por todos os tempos, a ser o núcleo central de sua caracterização. Subsidiariamente ela poderia até ensinar!... A prestação de serviços, adotada como a outra finalidade de Universidades modernas é fruto de sua sabedoria adquirida.

Recentemente a massificação do ensino veio competir, de certa forma, com a capacidade de investigar, em umas tantas Universidades. De seu lado, problemas da própria ciência moderna e da tecnologia avançada criaram nova metodologia de trabalhos e diferentes modalidades de vocações e de atividades específicas.

Não serão todos obrigados a investigar na grande e variada Universidade moderna. Mas o desafio da ciência é imenso desde que foram conquistados métodos e instrumentos capazes de servir à solução de inúmeros problemas e de responder a indagações e conjecturas brotadas no intenso trabalho intelectual do cientista moderno. Pensar, conjecturar, formular hipóteses, sempre se fez, em todos os ramos do interesse espiritual do homem. Em ciência moderna deu-se mais um grande passo à frente: verifica-se, constata-se e mede-se. Além de tudo, educa-se, porque a resposta da indagação raramente é: certo ou errado, apenas. Há, também,

o "algo diferente" do que o imaginado e eis novas aberturas para investigar mais e melhor, para se apurar o senso crítico e adotar-se a dúvida honesta em substituição a conclusões empolgantes...

Todo o pensador deverá aproveitar-se da lição da ciência moderna para saber conter-se, na construção de teorias e doutrinas, por mais tentadoras que sejam.

Afinal de contas, a distância é grande entre a verossimilhança e a verdade.

5. FINAL

A verdadeira razão da existência de UNIVERSIDADE é a "corporificação" de sua verdadeira alma ou espírito, isto é, a comunicação, em todos os sentidos e direções, por todos os meios, entre indivíduos, grupos e instituições. Isto é, promover-se, além do cumprimento estrito do dever, em trabalho especializado próprio, à cooperação, para que todos compreendam algo pelo menos, do conjunto, e possam receber do conjunto a belíssima soma de conhecimentos, informações e mesmo de emoções, de que nem suspeitam, e que por sua vez se enriquecerão com o imenso prazer do que se pode chamar, verdadeiramente, de cultura.

A cooperação deve obviamente, estender-se ao programa de ensino e de pesquisa em todos os níveis.

FICHA CATALOGRÁFICA

Ulhôa Cintra, Antônio B. de- "Universidade: Depoimento,
Comentários e Proposições" — in Revista da
Universidade de São Paulo — n.º 2, agosto de
1986 — pág. 73 a 102 .